

A temporalidade do *Nachträglichkeit* de Freud em uma vinheta clínica: uma retranscrição *a posteriori* sobre a interpretação, a sugestão e a construção em psicanálise¹

Eduardo Rocha Zaidhaft²

Monah Winograd³

RESUMO: Este artigo investiga nuances significativas da noção de *Nachträglichkeit* nas produções freudiana e pós-freudianas, principalmente a escola francesa de psicanálise, bem como sua possível manifestação na dinâmica analista-analisando. A pesquisa foi conduzida através de revisão bibliográfica e análise de caso clínico. Os resultados destacam a importância do *après-coup* para a compreensão da temporalidade em psicanálise, envolvendo a causalidade psíquica, a constituição da subjetividade e o tratamento em psicanálise. Conclui-se que essa lógica *a posteriori* na transferência evoca questões sobre as técnicas da interpretação, da sugestão e da construção e pode ser elucidada por meio das noções de retranscrição e falha da tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Freud; *Nachträglichkeit*; *après-coup*; *a posteriori*; retranscrição

1. Trabalho originado da monografia de Eduardo Rocha Zaidhaft em sua Especialização em Psicanálise e Contemporaneidade (CCE/PUC-Rio), de seu trabalho de conclusão do Curso de Técnica Psicanalítica do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (IFP/SBPRJ) e de seu projeto de tese de Doutorado em Psicologia Clínica (PSI/PUC-Rio), este último sob orientação da Prof.^a Dr.^a Monah Winograd.

2. Psicólogo e psicanalista. Professor da Universidade Estácio de Sá (MED/UNESA), Doutorando em Psicologia Clínica (PSI/PUC-Rio), Mestre em Saúde Coletiva (IMS/UERJ) e Membro Provisório da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ/FEBRAPS/IPA).

3. Psicanalista. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise e Subjetividade (LAPSU) e do Laboratório de Humanidades Digitais da PUC-Rio.

Nunca pretendi que se pudesse inserir a realidade no passado e assim trabalhar no tempo em sentido contrário. Entretanto, pode-se sem dúvida inserir ali o possível, ou melhor a cada momento o possível insere-se ali. Na medida em que a realidade nova e imprevisível cria a si mesma, sua imagem se reflete atrás de si mesma no passado indefinido: essa nova realidade encontra a si o tempo todo como se tivesse sido possível; mas é somente no momento exato de seu surgimento real que começa a sempre ter sido, e é por isso que digo que sua possibilidade, que não precede a realidade, a terá precedido assim que essa realidade surgir.

(Bergson citado por Žižek, 2008, p. 273)

Introdução

De acordo com a conceituação de Etchegoyen (2002), uma *interpretação* em psicanálise pode ser definida como “uma explicação que o analista dá ao paciente (a partir do que este lhe comunicou) para lhe proporcionar um novo conhecimento de si mesmo” (p. 192). O autor enfatiza que tal intervenção deve ser verídica, desinteressada, conduzir a um *insight*, além de ser pertinente e oportuna. Importante salientar que o momento adequado para a sua ocorrência é primordial e deve ser levado em consideração em função do contexto e do *timing* terapêutico. Busch (2013), por sua vez, acrescenta que a interpretação deve abranger tanto o “lá e então”, quanto o “aqui e agora”, bem como estabelecer uma conexão entre ambos os tempos.

Todavia, para Winnicott (1994), o como e quando fazer uma interpretação não tem nada de objetivo, uma vez que devem ir “mais além do reflexo do retorno do material apresentado” (p. 166), ao mesmo tempo em que o sonhar, o pensar e até mesmo o comunicar ao analista já são considerados efeitos do tratamento, cabendo ao analista muitas vezes não interpretar o material trazido pelo analisando. De maneira próxima, para Ogden (2013), a comunicação da interpretação requer que antes a dupla analista-analisando tenha desenvolvido, de maneira intersubjetiva, uma linguagem própria, ou seja, que o terceiro analítico já esteja em cena. O tempo na análise é uma questão complexa, especialmente quando o paciente fornece um material não como um Eu integrado, mas em estados nos quais as delimitações individuais em relação ao mundo exterior encontram-se desestruturadas.

Todavia, a referência a esses autores, além do rico material teórico-clínico que nos fornecem sobre a questão do *timing*, permite que se entreveja

um problema de ordem metapsicológica. A esse respeito, a seguinte citação de Pontalis (1994) se faz contundente:

Paradoxo: medimos o tempo das sessões, fixamos seu número, seus dias e suas horas, indicamos as datas de suas interrupções etc. O calendário, o tempo dos relógios, nós os conhecemos tão bem antigo quanto um bom obsessivo. E, no entanto, aquilo que tentamos atingir, que tentamos fazer vir, é justamente o fora do tempo. (p. 106-107)

Sob esse mirante, este trabalho tem como objeto não o tempo do *timing* e do *setting* exatamente, ou seja, de quando fazer ou não fazer uma interpretação, e quais seriam as propriedades que a tornariam oportuna ou veraz, mas mais precisamente a atemporalidade do inconsciente, condensada no termo *Nachträglichkeit*. Apesar disso, se quando se diz que aqui se discutirá não o tempo do *timing*, mas o “fora do tempo” – expressão interessante que articula essa problemática do tempo com o inconsciente –, faz-se necessária a ressalva de que o que aqui se objetiva em última instância não é principalmente a conceituação metapsicológica do *Nachträglichkeit*, amplamente desenvolvida, mas as retroações, por assim dizer, desse conceito sobre a clínica.

Portanto, este trabalho buscará estudar de que forma o conceito de *a posteriori* – ou, na tradução francesa feita por Lacan (1996), o *après-coup* – se figura como central na concepção pós-freudiana do tempo, indicando sua manifestação transferencial por meio de uma vinheta clínica. Com tal propósito, esse conceito será descrito a partir, sobretudo, do referencial fornecido por Laplanche. Neste registro, fora o paradoxo acusado por Pontalis (1994) – entre o *setting* e o inconsciente –, será explorado mais especificamente outro paradoxo, oriundo da inflexão que a noção de *a posteriori* impõe às concepções de causalidade e temporalidade em psicanálise. Em um primeiro momento, se buscará fazer uma revisão teórica sobre a conceituação que Laplanche (2006) faz da noção de Freud para evidenciar o caráter bidirecional da temporalidade em psicanálise, ao mesmo tempo linear, conforme a flecha do tempo, e retroativo, sob efeito do *a posteriori*. Com essa fundamentação teórica realizada, se encontrará em um termo de Freud – o de retranscrição⁴ –, oriundo ainda das suas formulações

4. Gerbasi e Costa (2015) também utilizam o conceito de *Nachträglichkeit* considerando sua relevância para o processo de retranscrição. Ademais, é feita uma comparação bastante interessante dessas noções com o conceito do neurocientista contemporâneo Eric Kandel, chamado “memória reconsolidada”,

pré-psicanalíticas, uma ferramenta que condensa no bojo da teoria psicanalítica essa bidirecionalidade. Em outras palavras, uma vez feita a revisão dessa conceituação laplancheana da noção de Freud, se abordará, a partir de uma vinheta clínica, como esse caráter paradoxal da temporalidade *a posteriori* tem como desdobramento um paradoxo análogo na prática psicanalítica.

Genealogia do *Nachträglichkeit*

Paulo César de Souza, no livro *As palavras de Freud* (2010), realiza uma análise etimológica sobre o campo semântico que o substantivo *Nachträglichkeit* envolve. Como diz o autor, o verbo *nachtragen* significa em sua análise literal algo como um “ressentir”, de modo a “levar, carregar (*tragen*) depois (*nach*)” (p. 205). Do mesmo modo, sua forma adjetiva ou adverbial – o *nachträglich* – pode dizer respeito a uma qualificação de “atrasado” em português. Por outro lado, especialmente em sua forma verbal, pode também significar “acrescentar (algo) a um escrito, a uma fala” (p. 205), havendo, assim, uma unanimidade entre essas acepções no que diz respeito a um “‘depois’, seja espacial ou temporal” (p. 205). O verbo *tragen*, todavia, também se evidencia como de suma importância para outros conceitos psicanalíticos, como é o caso, por exemplo, da ideia de transferência, a *Übertragung*.

Em resumo, conforme Laplanche e Pontalis (1982/2001), Freud utilizou o *Nachträglichkeit* para caracterizar suas concepções de temporalidade e causalidade psíquicas. Apesar de sua posição central na temática, devido a problemas nas primeiras traduções francesa e inglesa, foi um termo que recebeu pouca ênfase nas teorizações pós-freudianas mais imediatas à morte do autor. Segundo os teóricos da linha francesa abordada, a tradução inglesa de J. Strachey (“ação diferida”) desconsiderou a causalidade de um tempo *a posteriori*. Vale ressaltar que Freud inclusive sublinhava em seus manuscritos originais sua referência ao *Nachträglichkeit*, uma noção que “começa por impossibilitar [...] um determinismo linear que considere unicamente a ação do passado sobre o presente” (Laplanche & Pontalis, 1982/2001, p. 33). Portanto, é um equívoco a compreensão de que os psicanalistas deveriam ver apenas no passado do sujeito a verdade de seus anseios presentes, como tão comumente foram acusados. Borges (2011) compreende que “Laplanche sustenta que a tradução inglesa expressa um sentido colado à flecha do tempo e a uma concepção unidirecional da teoria da sedução” (p. 63), mas que essa temporalidade linear é imprecisa por desconsiderar uma bidirecionalidade causal inscrita pelo con-

ceito de *a posteriori*, que, como afirma Dahl (2011), é composto por dois vetores temporais, um progressivo e outro regressivo.

Desse modo, apesar de ser notável a frequência com que Freud se serve da ideia de *a posteriori*, houve certo atraso entre os psicanalistas em reconhecer a necessidade de conceituá-la de maneira mais aprofundada. A título de ilustração, em seu texto um tanto experimental *Thalassa*, Ferenczi (2011) já articulava a bidirecionalidade dos processos psíquicos, ao mesmo tempo regressivos e prospectivos. Mesmo assim, coube, sobretudo, a autores posteriores, ligados à escola francesa, como J. Lacan, A. Green, J. Laplanche e J. André, o destaque sobre essa causalidade temporal bidirecional em meio ao texto de Freud, revelando a importância da noção de forma mais explícita.

Maia e Andrade (2010), seguindo os passos internos à obra de Freud destacados por Laplanche (2006)⁵, apresentam a evolução do conceito de *a posteriori*, também chamado de “só-depois” pelos autores, incluindo as suas discontinuidades. Segundo os autores brasileiros, a primeira vez que Freud (1895/2016a) utiliza o termo *a posteriori* é em *Estudos sobre a histeria*, durante o período da técnica catártica. Freud o utiliza para descrever pacientes que padecem do que designa como “histeria de retenção” – pessoas que adoecem após dedicarem-se exaustivamente a certa tarefa, geralmente cuidados de um familiar doente. No contexto em questão, o termo *a posteriori* não tem o mesmo significado que terá posteriormente na obra de Freud – isto é, de uma retroação –, mas o sentido de um efeito retardado. Os autores também apontam que essa formulação pode ser vista não somente à luz do ponto de vista econômico – ou seja, da ab-reação que ocorre após o fim de uma tarefa exaustiva –, mas também como um elemento que antecipa a concepção freudiana do luto, que será formulada de modo mais substancial 20 anos depois.

Como segunda fase de conceituação, mas ainda nesse período sob a égide da “teoria da sedução”, Maia e Andrade (2010) destacam outros três sentidos para a noção de *a posteriori* no texto freudiano demarcados por Laplanche (2006), que se unificam pela caracterização dada a eles de se operarem em dois tempos, apesar de seus diferentes matizes. Os três sentidos dessa concepção em dois tempos

5. Para se ter como referência uma outra análise dessa problemática, consultar Thomä e Cheshire “*Freud's Nachträglichkeit and Strachey's deferred action*” (1991). Sobre esse último texto, contudo, Souza (2010) comenta que os autores se basearam conscientemente somente no índice remissivo da *Standard Edition* das obras completas de Freud, não sendo possível, assim, verificarem as outras traduções que Strachey, o tradutor inglês, fez sobre o *nachträglich*.

do *a posteriori*, unidos pela hipótese de fundo de que a histeria teria como etiologia uma sedução real sofrida pelas pacientes quando crianças, são as seguintes:

(a) em relação à terceira parte de *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1950[1895]/1977) utiliza o termo *nachträglich* para se referir a percepções que não são atualmente recebidas pelos órgãos dos sentidos. Seria, portanto, uma “consciência secundária”, que permitiria, pela associação das percepções a palavras, a possibilidade de serem memorizadas e acessadas posteriormente sob a forma de representações.

(b) em segundo lugar, no caso Emma (Freud, 1895/2016a), o *a posteriori* refere-se a uma sedução real ocorrida no passado, a qual a criança foi incapaz de inscrever psiquicamente à época, mas que posteriormente foi reavivada por um acontecimento inócuo que se associou à lembrança anterior e por isso provocou uma reação emocional intensa semelhante à experiência original. Apesar de que essa concepção, se mal compreendida, pudesse já indicar o sentido de uma retroação, é necessário constatar, tal qual Laplanche (2006) destaca, como esse processo ainda era pensado nos termos de uma linearidade determinista. Nessa concepção, não havia ainda ressignificação, somente um afeto retido, que só pôde manifestar-se posteriormente.

(c) o terceiro sentido de *a posteriori* no contexto da teoria da sedução, de acordo com a leitura laplancheana, já aponta para o sentido de uma retroação, mesmo que de forma ainda incipiente. As cartas de Freud (1887-1904/1986) à Fliess em abril e maio de 1897 destacam a associação entre as percepções primevas e as compreensões posteriores feitas pelo sujeito e apresentam a compreensão de que as fantasias históricas resultam desses intervalos sucessivos em que as percepções anteriores são retranscritas psiquicamente. Nessa concepção, o psiquismo operaria em uma constante estratificação das memórias, que não mais se organizam em meros dois tempos, tal qual o caso Emma, mas em sucessivas traduções de inscrições anteriores. Como apontam Maia e Andrade (2010), “o esquema em dois tempos do ‘caso Emma’ – pré-pubertário – pós-pubertário – é generalizado em *n* tempos” (p. 79), sendo o recalque a recusa da tradução. Nessa fase, o que é duplo no *a posteriori* não é exatamente a existência de dois tempos, mas a uma bidirecionalidade de a percepção, ao mesmo tempo, se referir a um texto originariamente inscrito no psiquismo e a “um projetar-se na direção da forma que a tradução tomará” (Maia & Andrade, 2010, p. 79), por via de sua retranscrição.

A terceira fase de conceituação do *a posteriori* refere-se a um período de transição, entre novembro e dezembro de 1896. Em novembro, Freud (1887-1904/1986) havia pela primeira vez substantivado o termo que até então utili-

zava apenas de forma adjetiva/adverbial (de *nachträglich* para *Nachträglichkeit*). No mês seguinte, abandona a teoria da sedução, e propõe que o trauma originário não necessariamente precisa ser factual e objetivo, mas em geral um trauma fantasmático, oriundo de tensões interiores ao organismo. Isso levantou o problema sobre a inacessibilidade em relação ao acontecimento/traumatismo original, uma vez que esse não se reportaria a um acontecimento da história individual. Nesse período, há para Freud, portanto, uma impossibilidade de síntese dessa antinomia intrínseca à fantasia individual: ao mesmo tempo em que recusa um puro retrofantasiar, em que as representações do passado são puramente oriundas do presente, não fica claro qual seria, então, sua origem. De qualquer modo, é formulada uma teoria na qual se confere *não somente* uma crença no determinismo do passado em relação ao presente, mas, *ao invés disso*, uma possibilidade desse tempo posterior ter efeitos sobre o anterior.

Após o abandono da teoria da sedução, este impasse – entre, de um lado, o determinismo do passado sobre o presente e, de outro, essa tendência estratificante do psiquismo atual retroagir sobre o passado – se explicita ainda mais. Conforme ressaltam Maia e Andrade (2010), embora Freud não tenha utilizado o termo *nachträglich* explicitamente nas cartas de outubro de 1897, ele discutiu como o problema da fantasia histórica poderia ser considerado uma mera fantasia retrospectiva, em vez de ser progressivamente determinado: “um crítico severo poderia dizer, com respeito a isso, que tudo foi retrospectivamente fantasiado, e não progressivamente determinado” (Freud, 1887-1904/1986, p. 271). Desse modo, nas palavras de Laplanche (2006), haveria uma impossibilidade de dialetizar a oposição entre a causa originária e a hipótese puramente retroativa.

Laplanche questiona a origem dessas fantasias do desenvolvimento individual e interpreta que Freud propõe que as fantasias originárias do psiquismo individual seriam subprodutos de acontecimentos factuais da evolução humana. Ou seja, na quarta fase de conceituação do *Nachträglichkeit*, os eventos que levam ao trauma originário ontogenético não surgem do nada, mas estão relacionados a condições filogenéticas anteriores, da evolução da espécie humana e da vida em geral, de modo que não é correta a ideia de que, para Freud (1905/2016b), devido ao trauma ser fantasmático, ele prescinde de um componente factual. Em suma, nessa leitura laplancheana, o abandono da hipótese da sedução ontogenética habilita para Freud uma concepção filogenética das causas das fantasias originárias. Essa concepção de *a posteriori* sofisticada a concepção anterior, na medida em que inclui, dentro do processo de retranscrição, as representações anteriores ao próprio indivíduo.

Ao mesmo tempo, como será apresentado em *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913/2012) alguns anos depois, esses indivíduos têm o poder, como seus antepassados, de transformar as aquisições cursadas em vida em traços herdados. Desse modo, no desenvolvimento do *Nachträglichkeit*, referido à superação da teoria da sedução, o empenho de Freud (1905/2016b) é o de explorar os elementos filogenéticos fundamentais à fantasia individual, dados pelos estádios orgânicos da psicosexualidade, e expressando uma causalidade do passado sobre o presente. No entanto, a sua concepção de um inconsciente não patológico permitiu que ele reconhecesse como as pulsões são não apenas oriundas das excitações internas filogenéticas, tampouco das excitações externas ontogenéticas, por assim dizer, mas também das representações inconscientes do mundo interno individual que retroagem sobre essas excitações sob a forma da experiência do fantasiar, na qual se produz uma causalidade do presente sobre o passado.

A quinta fase do conceito de *Nachträglichkeit* na obra de Freud retoma as noções de sedução e trauma no caso *d'O homem dos lobos* (Freud, 1918[1914]/2010d). Nesse texto, Freud explora como um sonho desencadeou a neurose de seu paciente, o que é feito teoricamente por meio de certa deformação da teoria do trauma em dois tempos. Considera que o sonho em questão remeteria, em um segundo tempo, a uma causa anterior, à “cena primária”, em que o paciente testemunhou seus pais durante o coito. Maia e Andrade (2010) destacam que Freud, nesse contexto, busca se opor à concepção de Jung, na qual o passado seria apenas uma “reconstrução imaginativa [...] para as necessidades causadas no presente” (p. 81) e empreende a reconstrução de um acontecimento cuja memória é descontínua, mas baseada em uma cena real. Como indicam Laplanche e Pontalis (1982/2001), a cena primária “constitui um acontecimento que pode ser da ordem do mito, mas que já está presente, antes de qualquer significação introduzida *a posteriori*” (p. 63). Em outras palavras, a oposição à Jung leva Freud (1918[1914]/2010d) à manutenção do ponto de vista de que sempre há uma factualidade nas origens de um trauma, mesmo que estas sejam filogenéticas. Assim, na visão laplancheana, Freud sustenta um determinismo *a posteriori* e *a priori*.

A retranscrição do *a posteriori* na clínica

Para explorar a questão do *a posteriori* transferencial, principalmente em relação com os traumas precoces, o psicanalista contemporâneo Jacques André (2008; 2013), influenciado por Laplanche (2006), apresenta duas características

essenciais desse conceito. A primeira delas é a retroação, que se relaciona à significação posterior de um acontecimento passado. Como aponta André (2013), “essa dimensão constitui o comum da reflexão do historiador” (p. 128), mas não é aquilo que mais caracteriza o *Nachträglichkeit* de Freud. O aspecto mais distintivo dessa teoria é o componente traumático, relacionado ao conceito de recalque e vocalizado pela ideia de um golpe-só-depois (*après-coup*), conforme tradução de Lacan. Nessa acepção, são necessários pelo menos dois golpes “para se formar um trauma psíquico” (p. 128).

André (2013) aponta uma questão em relação a esse aspecto menos evidente do conceito: se o *a posteriori* na visão freudiana condensa, ao lado da retroação, também um recalque, também um “fora do tempo” (Pontalis, 1994), é preciso se indagar se todo efeito de retroação, inclusive aquele estimulado pela interpretação da transferência, inclui também um contorno de trauma. Lendo-se o texto de André (2013), a resposta é afirmativa, de modo que a interpretação, assim como as manifestações inconscientes atuadas na transferência, têm a potencialidade de serem simultaneamente traumáticas e simbolizantes. Essa percepção é implícita nas técnicas, tanto de Freud 1918[1914]/2010d), quando estabelece um prazo para o término do tratamento do homem dos lobos; como na de Lacan (1998), ao introduzir a interrupção da sessão antes do horário previsto. Nessa perspectiva, o recalque se apresenta não somente como “uma simples forma de afastar, de rejeitar, é também uma transformação, uma resignificação” (André, 2013, p. 129). De forma análoga, segundo Borges (2011), a noção de *a posteriori* é “valiosa para nosso estudo porque condensa dialeticamente em seu significado duas noções diametralmente opostas que nos são caras: a de trauma e a de simbolização” (p. 4).

A ambiguidade presente no conceito de *a posteriori*, que se refere tanto à bidirecionalidade causal quanto ao par trauma/simbolização, já era percebida por Freud (1887-1904/1986) em sua correspondência com Fliess:

Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico se forma por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias — a uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. [...] os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. [...] Gostaria de enfatizar o fato de que os registros sucessivos

representam conquistas psíquicas de fases sucessivas da vida. Na fronteira entre duas dessas fases é preciso que ocorra uma tradução do material psíquico. Explico as peculiaridades das psiconeuroses através da suposição de que essa tradução não se tenha dado no tocante a uma parte do material, o que acarreta certas consequências. [...]. Quando falta uma transcrição posterior, a excitação é tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e seguindo as vias abertas naquela época. [...] Uma falha de tradução — eis o que se conhece clinicamente como “recalcamento”. (Freud, 1887-1904/1986, p. 208-209, grifos do autor)

A retranscrição, portanto, é uma noção que sintetiza o trabalho bidirecional passado-presente e presente-passado, ao mesmo tempo em que abre margem para articular essa bidirecionalidade à questão do recalcamento, que seria resultado de uma falha na transcrição das memórias do passado em relação às posteriores e que conseqüentemente impediria a associação dessas memórias entre os diferentes sistemas psíquicos. Ademais, a retranscrição estaria diretamente relacionada à possibilidade de novos arranjos psíquicos, o que é um requisito para o tratamento psicanalítico. Como salientam Antonello e Gondar (2012): “A capacidade de rearranjos dos traços mnêmicos nos diz que a memória é altamente seletiva, dinâmica, mutável e pode ser construída *a posteriori*” (p. 128), sendo a retranscrição o processo que produz essa estratificação do psiquismo e a possibilidade de cura. Portanto, a retranscrição é pertinente tanto quando se instala um trauma, devido a uma falha na tradução, quanto na tentativa de simbolizar a fantasia infantil, inclusive que ocorre durante a psicoterapia, em que o efeito de *a posteriori* está a serviço de “mudança psíquica em relação às camadas mais primitivas do psiquismo” (André, 2013, p. 127).

Quando se pensa nos efeitos dessa concepção metapsicológica sobre a prática clínica, cabe considerar que, devido ao movimento de retranscrição das marcas psíquicas, os momentos decisivos do desenvolvimento pessoal atuados na transferência *não apenas* emergiriam como uma reprodução do passado no presente durante o encontro analítico – uma compulsão à repetição e um retorno do recalcado –, mas, *ao invés disso*, por via dessa atuação repetitiva oriunda do traumatismo, seriam inscritos simbolicamente pelo efeito de retroação do *a posteriori*. Ou seja, mais precisamente, a transferência permitiria a inscrição do recalcado no lugar da ausência de simbolização, sendo o *Nachträglichkeit*, portanto, um conceito inerente à terapêutica da psicanálise, especialmente quando a problemática do paciente é menos endereçada ao recalque e mais endereçada ao prejuízo representacional (Cidade & Zornig, 2016).

Sugestão ou interpretação? Nenhum dos dois! Melhor a construção

Essa revisão teórica sobre o conceito de *a posteriori* revela como há uma diferença em se discutir a temporalidade psicanalítica como uma questão de *timing* ou como uma questão acerca das formas de causalidade psíquica. Com base nessa segunda perspectiva, apresentarei uma vinheta clínica que expande a discussão sobre o *a posteriori* e a retranscrição psíquica no âmbito psicoterápico.

Uma senhora na terceira idade procurou minha ajuda devido a sua queixa de depressão, alegando já ter passado por uma psicoterapia relativamente longa para tratar dessa mesma questão. Ela buscava ajuda em relação a um acontecimento ocorrido há pouco mais de um ano, quando um de seus netos teve uma doença grave. Antes do ocorrido, a relação com o neto trazia certo alento às angústias relativas à morte prematura de sua mãe e aos conflitos com o pai, que já se encontrava bastante debilitado pela idade. Durante a hospitalização do neto, a minha paciente ficou encarregada de cuidar dele, já que seus pais tinham outras três crianças pequenas sob seus cuidados. Sua descrição desse momento era ambivalente: por um lado, sentindo-se sobrecarregada com as atribuições; por outro, sentindo uma grande aproximação com seu neto preferido. A despeito da tensão, em algumas ocasiões, mencionou que o contato com o neto enfermo lhe trazia satisfação.

Para a felicidade da família em geral, o menino recuperou-se da doença e retornou à casa dos pais. Ao contrário do que se esperava, contudo, a paciente, que não tinha adoecido durante a internação do neto, reagiu rerepresentando a depressão da qual se queixava para mim ao início da análise. Ela descrevia uma falta de sentido em sua vida, mas relatava de maneira incessante as atividades de seu dia-a-dia, em especial com o referido neto. À luz das ideias de Freud (1893-1895/2016a), esse quadro me evocava o diagnóstico de uma histeria de retenção, que, como vimos, são relativas à primeira fase de elaboração do conceito de *a posteriori*, em que este ganha o sentido de um efeito retardado.

Durante o tratamento, a paciente faltava com frequência às sessões agendadas. Permaneceu em análise, desse modo, por um período de dois anos. A importância que devotava à análise coexistia à irregularidade, o que, do meu ponto de vista, repetia comigo sua ambivalência perante o neto e a doença. Eu interpretava que a desconfiança perante os objetos era a contrapartida de seu apego por eles, e indicava uma desconfiança para com seus próprios objetos internos. Isso sugeria uma transferência na qual ela retranscreveria comigo seu modo de se relacionar com o neto.

Em certo momento do tratamento, decidi interpretar a transferência da paciente, o que resultou em uma reação inesperada: ela cometeu um ato falho e me chamou pelo nome do neto.

Por um viés, escutei ao relato da paciente, identifiquei alguns elementos de sua história e estabeleci conexões com o que se passava no momento atual – ou seja, uma tentativa de inscrever associações que poderiam não estar presentes devido a uma falha em sua transcrição. As lembranças do passado, por estarem assim recalçadas, eram compelidas a se repetirem na relação comigo, o que era exemplificado pela ambivalência. Ao comunicar minha interpretação, eu favoreci a evocação de marcas mnêmicas até então inconscientes, que, uma vez adentrando a consciência, mesmo que de forma deformada pela resistência transferencial, permitiriam a liberação dos afetos antes estrangulados pelo recalçamento. Nesse cenário, o ato falho ganha o estatuto de uma confirmação, ou seja, indicou que a interpretação favoreceu a recordação de uma memória recalçada. A grande questão seria se, tratando-se de uma repetição compulsiva, de uma retranscrição pura e precisa, a interpretação do recalçado teria algum poder terapêutico, de mudança psíquica, pelo simples fato de que ele se tornou consciente.

Existem outras formas de se analisar esse acontecimento, contudo. Alguém poderia afirmar que a paciente simplesmente agiu de acordo com uma sugestão: não há garantias de que havia um elemento prévio que associava passado e presente. A função da minha intervenção, de apontar o lugar transferencial no qual a paciente me colocava – de que era tratado por ela como seu neto –, teria sido a de inculcar uma correspondência, produzir certa subjetividade conforme minha própria verdade. Nessa análise, o ato falho também ganha o estatuto de uma verificação, mas, no caso, a verificação de uma hierarquia entre mim e a analisanda: não se trataria de uma retranscrição, mas de uma inscrição inédita, de uma sugestão, ou seja, não há uma representação previamente existente e até então encoberta.

Olhando em retrospectiva essas duas formas de se perceber o mesmo acontecimento clínico, não restam dúvidas de que o mesmo ato, aquele de comunicar à paciente certa leitura que fiz dela, pode ser visto sob diferentes óticas. Se a ênfase recai em seu caráter de interpretação, fazemos uma leitura de que ela repete comigo o modo como se relaciona com seu neto. Se, por outro lado, notamos essa comunicação como uma sugestão, o que se deu foi o uso de um recurso externo para eliminar ou incluir certos complexos de marcas mnêmicas, à moda hipnótica. Haveria alguma solução a esse impasse? Há

alguma perspectiva que abra a possibilidade de a análise da transferência não representar nem uma inscrição psíquica dos delírios do analista na paciente (Freud, 1915/2010c, 1937/2018), tampouco uma mera repetição fatalista do passado, na qual a compulsão à repetição (Freud, 1914/2010b; 1920/2010e) é o único destino possível?

Retornando ao lugar de origem, se a aposta é a de que a transferência é o veículo para o tratamento, implicando assim certa transformação nos sujeitos envolvidos, é preciso compreender que o psiquismo está em constante processo de rearranjos, uma abertura ontológica alguns diriam. O tratamento psicanalítico promete mudança psíquica por meio da transferência, assumindo que o humano é aberto à sua transformação, e que, a despeito de ser compelido à repetição, tem a possibilidade de gestar uma diferenciação. Mas, para essa diferenciação, então seria necessário se compreender uma margem de falhas entre as sucessivas traduções, ou seja, um recalçamento secundário em jogo, para que a retranscrição não seja idêntica ao conteúdo do passado.

Como apontam Laplanche e Pontalis (1982/2001), “as manifestações transferenciais não são literalmente repetições, mas equivalentes simbólicos do que é transferido” (p. 520). Assim, ocorre uma retranscrição das “séries psíquicas” (Freud, 1912/2010a) quando o sujeito se depara com os objetos do mundo presente – no caso, com o analista. Isso abre novas vias de facilitação para a circulação libidinal, de retranscrições, que têm o poder de rearranjarem a composição até então existente, seja no sentido do trauma desestruturante, seja no sentido da simbolização e elaboração. Dessa forma, os momentos decisivos do desenvolvimento pessoal, que surgem na transferência, não são meras reproduções do passado no presente durante o encontro analítico, sob a forma da lembrança ou de uma memória, mas, sobretudo, seriam significados *a posteriori* por via desse encontro, inscrevendo um recalçado ao mesmo tempo em que o desvela.

Desse modo, quando falamos da transferência como uma retranscrição, caracterizada pela lógica *a posteriori*, o que queremos dizer exatamente? De um retorno do mesmo, de algo idêntico a si próprio, ou de algo que retorna, mas que paradoxalmente se recria? De certo estado de coisas que se transpõe do passado para o presente sem qualquer articulação com o novo contexto em que ocorre, ou de um acontecimento que é determinado pelas contingências históricas precedentes, mas que, pela sua própria contingência atual, delas se desvia, recriando-se? Sob essa segunda acepção, a análise da transferência ganha características de uma reatualização paradoxal: ela não

apenas repete o passado, mas, ao invés disso, constrói o passado por meio do encontro presente. Sob essa acepção, ao compreendermos que a transferência é a retranscrição de uma história, há como implicação um aumento da importância da ideia de construção em análise (Freud, 1937/2018), em lugar de categorias como sugestão e interpretação. Nesse sentido, o analisando não somente é compelido a repetir seu passado, mas, pelo contrário, o faz a fim de uma adaptação subjetiva no presente, e cujo sentido é o futuro. Em suma, sob a ótica da transferência enquanto retranscrição de uma história, o que ocorre é uma dobra temporal na qual o sujeito, ao mesmo tempo em que opera uma regressão a estados psíquicos anteriores, visa a uma progressão destes. Nesse sentido, caberia resgatar a ideia de Ferenczi (1914/2011) sobre a regressão thalássica, a função do trauma como canal à criação e as articulações que Gondar (2016) estabelece entre essas concepções psicanalíticas e a ideia de “fuga para frente”.

Considerações finais

Como tangenciado antes, ao final do século XIX, Freud (1893-1895/2016a) entendia que o trauma sexual era a origem da histeria. Seria por meio da rememoração da cena traumática que se traria o rumo à cura. Conforme o desenvolvimento de sua obra, contudo, notou a existência de expressões e origens do trauma que diziam respeito a dimensões outras, para além da realidade objetiva. O que estaria sob análise, doravante, seria o modo particular como a subjetividade se relaciona com os objetos da vida e com toda a fantasia que os envolve. A transferência para com o analista seria, nessa linha de raciocínio, mais uma relação objetual desse tipo, e o veículo através do qual novas relações objetais podem ser estabelecidas entre o sujeito e os fatos do mundo. Sob essa concepção técnica, a cura não apontaria mais para um reestabelecimento de certa funcionalidade perdida, por ocasião do trauma e do esquecimento que o sucedeu, mas para uma retranscrição, junto à figura do analista, da história do sujeito. Neste breve ensaio, me utilizei de um caso para compreender essa ideia de que a transferência é a retranscrição *a posteriori* de uma história.

O *a posteriori* possibilita para os sujeitos, portanto, a liberdade de retroagir ao menos na maneira como as determinações passadas lhes causam efeitos. A liberdade da ação subjetiva opera como um desenho animado: ao andar sobre um precipício, é somente quando o sujeito olha para baixo que a

queda, já pressuposta, pode ser postulada (Žižek, 2008). É somente na medida em que se retranscreve e falha em alguma tradução no instante presente que o passado se desenrola para o futuro. Desse modo, existe a possibilidade de o sujeito ser capaz de produzir ações, inclusive terapêuticas, sobre si e o mundo. Minha paciente, ao mesmo tempo em que repetia comigo a relação com seu neto, produzia a própria possibilidade de me ver enquanto tal. Vemos aí a bidirecionalidade temporal com a qual Freud se via retroagido a considerar, um exemplo prático da retranscrição psíquica e sua evidência produzida pela técnica psicanalítica.

The temporality of Freud's *Nachträglichkeit* in a clinical vignette: *a posteriori* retranscription about interpretation, suggestion and construction in psychoanalysis

*ABSTRACT: This article investigates significant nuances of the notion of *Nachträglichkeit* in both Freudian and post-Freudian texts, particularly in the French school of psychoanalysis, as well as its possible manifestation in the analyst-analysand dynamics. The research was conducted through literature review and clinical case analysis. The results highlight the importance of *après-coup* for understanding temporality in psychoanalysis, involving psychic causality, subjectivity constitution and treatment in psychoanalysis. It is concluded that this *a posteriori* logic in transference raises questions about interpretation, suggestion and construction techniques and can be elucidated through the notions of retranscription and translation failure.*

*KEYWORDS: Freud; *Nachträglichkeit*; *après-coup*; *a posteriori*; re-transcription.*

La temporalidad del *Nachträglichkeit* de Freud en una viñeta clínica: una retranscripción *a posteriori* sobre interpretación, sugestión y construcción en psicoanálisis

*RESUMEN: Este artículo investiga las sutilezas significativas de la noción de *Nachträglichkeit* en el texto freudiano y post-freudiano, principalmente por la escuela francesa de psicoanálisis, así como su posible manifestación en la dinámica analista-analizando. La investigación fue realizada a través de revisión bibliográfica y análisis de casos clínicos. Los resultados destacan la importancia del *après-coup* para la comprensión de la temporalidad en psicoanálisis, involucrando la causalidad psíquica, la constitución de la subjetividad y el tratamiento en psicoanálisis. Se concluye que esta lógica *a posteriori* en la transferencia evoca cuestiones sobre las técnicas de la interpretación, de la sugestión y de la construcción y puede ser elucidada a través de las nociones de retranscripción y fallo de la traducción.*

*PALABRAS CLAVE: Freud; *Nachträglichkeit*; *après-coup*; *a posteriori*; retranscripción.*

Referências

- André, J. (2008). O acontecimento e a temporalidade: O *après-coup* no tratamento. *Psicanálise e Cultura*, 31(47), 139-167.
- André, J. (2013). O *a posteriori* transferencial dos traumas do início da vida. *Ágora*, 16, 127-140.
- Antonello, D. & Gondar, J. (2012). As diferenças na memória no âmbito da obra freudiana: Contribuições à teoria do trauma. *Psicanálise e Barroco em revista*, 10(2), 119-138.
- Borges, G. M. (2011). *Neurose traumática: Fundamentos e destinos* [Tese de doutorado não publicada]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Busch, F. (2013). O aqui-e-agora trabalhável e o porquê do lá-e-então. *Livro Anual de Psicanálise*, 27(1), 119-138.
- Cidade, N. O. P. & Zornig, S. A.-J. (2016). Trauma, temporalidade e inscrição psíquica. *Cadernos de Psicanálise*, 38(35), 29-47.
- Dahl, G. (2011). Os dois vetores temporais de *Nachträglichkeit* no desenvolvimento da organização do ego: A importância do conceito para a simbolização dos traumas e ansiedades sem nome. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 95-114.
- Etchegoyen, H. (2002). *Fundamentos da técnica psicanalítica* (2ª ed.). Artmed.
- Ferenczi, S. (2011). Thalassa: Ensaio sobre a teoria da genitalidade. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise III*. WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1977). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. I. Imago*. (Trabalho original escrito em 1895 e publicado em 1950).
- Freud, S. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Imago. (Trabalho original publicado entre 1887 e 1904).
- Freud, S. (2010a). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Obras completas: Vol. 10*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010b). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Obras completas: Vol. 10*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010c). Observações sobre o amor de transferência. In S. Freud, *Obras completas: Vol. 10*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010d). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In S. Freud, *Obras completas: Vol. 14*. Companhia das Letras. (Trabalho original escrito em 1914 e publicado em 1918).
- Freud, S. (2010e). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas: Vol. 14*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas: Vol. 11*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado entre 1912 e 1913).
- Freud, S. (2016a). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Obras completas: Vol. 2*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado entre 1893 e 1895).

A temporalidade do *Nachträglichkeit* de Freud em uma vinheta clínica: uma retranscrição *a posteriori* sobre a interpretação, a sugestão e a construção em psicanálise

- Freud, S. (2016b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas*: Vol. 6. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2018). Construções na análise. In S. Freud, *Obras completas*: Vol. 19. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937).
- Gerbasí, G. L. B. S. & Costa, P. J. (2015). As transformações da memória: Articulações entre Sigmund Freud e Eric Kanderl. *Avances em Psicología Latinoamericana*, 33(1), 77-89.
- Gondar, J. (2016). Trauma, cultura e criação: Ferenczi com Christophe Türcke. *Tempo Psicanalítico*, 48(2), 135-148.
- Lacan, J. (1996). *Os escritos técnicos de Freud*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar.
- Laplanche, J. (2006). *Problématiques VI: L'après-coup*. PUF.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982).
- Maia, L. & Andrade, F. (2010). *Nachträglichkeit*: Leituras sobre o tempo na metapsicologia e na clínica. *Estudos de Psicanálise*, (33), 75-90.
- Ogden, T. (2013). Sobre a arte da psicanálise. In T. Ogden, *Revêrie e interpretação: Captando algo humano*. Escuta.
- Pontalis, J.-B. (1994). A estação da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 27(52), 95-112.
- Souza, P. C. (2010). *As palavras de Freud: O vocabulário freudiano e suas versões*. Companhia das Letras.
- Thomä, H. & Cheshire, N. (1991). Freud's *Nachträglichkeit* and Strachey's deferred action: Trauma, constructions and the direction of causality. *International Review of Psycho-Analysis*, 18(3), 407-427.
- Winnicott, D. W. (1994). A interpretação em psicanálise. In D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas*. Artes Médicas.
- Žižek, S. (2008). O circuito da liberdade. In S. Žižek, *A visão em paralaxe*. Boitempo.

Recebido: 17/04/2023

Aceito: 26/06/2023

Eduardo Rocha Zaidhaft
eduardozaidhaft@gmail.com

Monah Winograd
monahwinograd@icloud.com